

Introdução: conversando com Gilberto Velho

Cristina Patriota de Moura (UnB)

Lisabete Coradini (UFRN)

A coletânea que aqui apresentamos é um conjunto de diálogos com diferentes percepções da pessoa “complexa” que foi Gilberto Velho (15/05/1945 – 14/04/2012). Trata-se de homenagem a um intelectual que desempenhou papel fundamental no estabelecimento da Antropologia no Brasil, em diversos aspectos. Gilberto atuou como professor, pesquisador, autor, editor, membro e fundador de diversas instituições científicas e entidades ligadas à valorização de bens culturais. Sua obra, pioneira na área de Antropologia Urbana, inspirou diversas gerações de antropólogas e antropólogos em formação.

Não há como negar o papel crucial desempenhado por Gilberto Velho no estabelecimento de áreas como a Antropologia Urbana e Antropologia das Sociedades Complexas no Brasil, principalmente a partir de suas atuações como professor, pesquisador e orientador no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ. Para além das contribuições ao estabelecimento de áreas de estudo espe-

cíficas, Gilberto Velho também imprimiu sua marca na consolidação da Associação Brasileira de Antropologia, instituição para a qual sempre contribuiu, tendo sido seu presidente entre 1982 e 1984.

Além de ter exercido a presidência da ABA, nosso homenageado atuou em diversos conselhos e comissões, em instâncias como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Academia Brasileira de Ciências (ABC). O capítulo que inaugura esta coletânea, escrito por outro ex-presidente da ABA, Roque de Barros Laraia, permite que conheçamos a atuação de Gilberto Velho em instituições científicas de diversas ordens, além de seu papel fundamental na consolidação de meios institucionais para assegurar a valorização da pluralidade na configuração de uma “cultura” nacional.

Velho está entre as primeiras levas de antropólogos formados prioritariamente por instituições universitárias brasileiras. Obteve seu bacharelado em Ciências Sociais em 1968 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e dois anos depois finalizou o seu mestrado no recém-criado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da mesma universidade. Em 1971, especializou-se em Antropologia Urbana e So-

tidades Complexas no Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, Austin e, já em 1975, conclui o seu doutorado na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação de Ruth Cardoso.

A morte prematura e inesperada de Gilberto Velho, em 2012, gerou uma série de artigos em periódicos que retrataram sua trajetória intelectual e contribuição para a Antropologia no Brasil (DIAS DUARTE, 2012; PEIRANO, 2012; LARAIA, 2012). Digno de nota especial é também o livro organizado por Vianna, Kuschnir e Castro (2013), que reúne artigos e capítulos de livros do autor.

Gilberto Velho era um ávido escritor, principalmente de artigos, que publicou em inúmeros periódicos científicos no Brasil e no exterior. Escrevia também peças mais curtas, para leitores de todas as ordens, expressando-se como cidadão interessado em questões sociais de seu tempo. O capítulo escrito por Lia Zanotta Machado debruça-se justamente sobre a categoria “intelectual público”, que Gilberto gostava de usar para referir-se à sua própria atuação ao escrever em jornais de grande circulação.

Além de escrever para jornais e revistas científicas, Gilberto Velho publicou diversos livros, a maioria sendo coletâneas de artigos seus, mas também de colaboradoras e colaboradores no Museu Nacional e em outras instituições no Brasil e de outros países, como Portugal. To-

dos os capítulos desta coletânea dialogam com escritos de Velho, em diferentes momentos de sua carreira. Entre seus livros, destacamos inicialmente aqueles que foram fruto de sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente: *A utopia urbana* (VELHO, 1973) e *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* (VELHO, 1998). Outros encontram-se citados, analisados e problematizados ao longo dos capítulos que se seguem.

O livro que aqui apresentamos pretende mostrar influências de Gilberto Velho para além de seus vínculos diretos com pesquisadoras e pesquisadores por ele formados no âmbito do PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, onde atuou como professor, pesquisador e orientador por mais de três décadas. São artigos de antropólogas e antropólogos de diferentes gerações, formados em diversas instituições e com múltiplas orientações teóricas, que dialogam com a obra de Velho a partir de suas próprias trajetórias intelectuais.

No ano de 2014, algumas homenagens a este que é um dos principais autores da Antropologia no Brasil foram realizadas e conseguiram articular uma rede de pesquisadores por meio de dois convênios no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), com a participação de docentes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Museu Na-

cional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Durante os meses de abril e maio, Miriam Grossi (UFSC) organizou o curso Sociedades Complexas – em torno da obra de Gilberto Velho, atividade que reuniu profissionais de diferentes universidades brasileiras através do PROCAD PPGAS/UFSC, com PPGAS da UFRN, UFAM, UFG e UFRGS. Em maio desse mesmo ano, na UnB, Cristina Patriota de Moura prestou sua homenagem a Gilberto Velho com o seminário Trajetórias Antropológicas: reflexões sobre a obra de Gilberto Velho, que contou com a participação de professores da UnB e UFRN – também como atividade PROCAD UFRN/UnB.

Na UFRN, durante o primeiro semestre de 2014, Lisabete Coradini e Elisete Schwade ministraram a disciplina Antropologia Urbana: homenagem a Gilberto Velho, com a participação das professoras Cristina Patriota de Moura (UnB), Miriam Pillar Grossi (UFSC) e Carmen Rial (UFSC), por meio dos convênios PROCAD. O curso teve como objetivo introduzir os alunos no campo de estudos da Antropologia feita nas cidades, buscando estabelecer um diálogo com a obra de Gilberto Velho e possíveis desdobramentos para o estudo das chamadas “sociedades complexas”.

Este livro é um dos frutos das atividades citadas. Mais do que uma exegese do trabalho de Gilberto Velho ou mesmo uma homenagem à sua biografia e personalidade, o objetivo é mostrar o trabalho de fertilização realizado pelo antropólogo, por meio de diversos tipos de diálogos acadêmicos, de diferentes pontos de vista. Este objetivo se coaduna com a proposta dos cursos em Florianópolis e Natal, bem como do seminário em Brasília. Foram apresentadas reflexões por antropólogas e antropólogos com múltiplas formações, perspectivas teóricas e experiências etnográficas ao longo de suas carreiras.

Um dos principais interlocutores de Gilberto Velho foi Alfred Schutz, a quem não chegou a conhecer pessoalmente, mas cujas noções de *províncias de significado* e *níveis de realidade* são centrais para suas elaborações teóricas acerca da subjetividade em sociedades complexas. Uma das propostas de Schutz, para pensar relações intersubjetivas, é uma tipologia na qual, da perspectiva de um sujeito, os “outros” são percebidos por meio de uma gradação de níveis de proximidade no tempo e espaço (SCHUTZ, 1979).

Schutz nos fala de consócios, contemporâneos, predecessores e sucessores para caracterizar tipos de relações sociais. Podemos também pensar nas relações de antropólogos e antropólogas com Gilberto Velho nos termos propostos por Schutz. Diversos pesquisadores

dialogaram com Velho nas atividades de ensino e extensão universitária já citadas nesta introdução, sendo que alguns desses diálogos foram retrabalhados e aprofundados na composição dos capítulos que constituem este livro.

Cristina Patriota de Moura e Ana Luiza Carvalho da Rocha foram orientandas de Gilberto em diferentes momentos de sua carreira acadêmica e de suas formações, tendo desenvolvido diferentes tipos de relações de aprendizado, troca acadêmica, amizade e inclusive conflitos e discordâncias. Já Roque Laraia, Lia Zanotta Machado e Cornelia Eckert desenvolveram relações de diálogo e amizade mais como “consócios” em contextos de associações científicas, conselhos de instituições públicas e empreendimentos editoriais. Já Lisabete Coradini, Elizete Schwade e Gabriel Alvarez desenvolveram diálogos com os textos de Gilberto Velho, ao longo de suas trajetórias acadêmicas, que passam por Santa Catarina, São Paulo, México, Argentina, Brasília, Goiânia e o Rio Grande do Norte.

Os escritos aqui reunidos tecem diálogos de diferentes ordens com o trabalho e a memória deste indivíduo biopsíquico cuja trajetória singular se exauriu em abril de 2012, mas cujas influências intelectuais persistem e se estendem em obras científicas, seminários e salas de aula. O primeiro capítulo, de Roque Laraia, nos intro-

duz à trajetória profissional de Gilberto Velho a partir de alguns momentos em que sua atuação foi decisiva. Entre impressões iniciais sobre um jovem com jeito de velho e a homenagem a um amigo que deixou saudades, podemos conhecer um pouco da atuação do antropólogo em instituições de pesquisa, conselhos nacionais de cultura e também entrever seu trabalho como editor da maior coleção de Antropologia durante algumas décadas no Brasil.

Ao lermos o capítulo escrito por Lia Zanotta Machado, entramos em contato com a sofisticação da obra de Velho no que tange à discussão sobre subjetividade. O texto nos fala das influências teóricas de autores como Georg Simmel, Robert Park e Alfred Schutz nas formulações de Velho sobre a posição reflexiva dos sujeitos em contextos urbanos como o proporcionado pela cidade do Rio de Janeiro. A cidade do Rio de Janeiro também aparece como lugar de atuação do “intelectual público” que reflete sobre sua própria sociedade nacional.

Os encontros narrados no terceiro capítulo, por Maria Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, falam de diferentes momentos com o “mestre” Gilberto Velho, entre aproximações, distanciamentos e reaproximações. São encontros face a face, mas também mediados por imagens, textos e memórias. Os encontros com o olhar de Gilberto Velho produzem outros olhares e também

as narrativas imagéticas no âmbito da coleção de filmes *Narradores urbanos*, disponível como obra documental e material didático a ser visualizado por gerações de contemporâneos e sucessores.

Os quatro capítulos seguintes falam das experiências de pesquisa de seus autores, ressaltando influências, diálogos e mesmo críticas a conceitos, reflexões e abordagens etnográficas propostas. São outras trajetórias antropológicas, que se cruzam com a trajetória de Gilberto Velho e se desdobram em uma pluralidade de universos de pesquisa.

Cristina Patriota de Moura escreve a partir de sua trajetória como ex-orientanda, cujos diálogos com Velho são levados além das pesquisas urbanas no Brasil, para pensar trajetórias e mobilidade em escala global. A discussão sobre “camadas médias” iniciada por Velho nos anos setenta é transposta a membros do corpo diplomático brasileiro, moradores de condomínios fechados no Brasil Central, ao meio universitário da Califórnia e à China contemporânea.

Os capítulos de Lisabete Coradini e Gabriel Alvarez têm em comum a temática do desvio. Com perspectivas teóricas diversas, ambos falam de pesquisas etnográficas realizadas em momentos e lugares diferentes, que se nutriram dos textos de Gilberto Velho, como predecessor e contemporâneo. São principalmente memórias de

pesquisas e de momentos de formação em que os escritos de Gilberto Velho tiveram importante contribuição, nem sempre explicitada nos trabalhos originais.

O capítulo final, de Elisete Schwade, volta ao tema da subjetividade, já abordado no capítulo de Lia Zanotta Machado. Desta vez, trata-se de discussão sobre a subjetividade no processo de interlocução construído na prática etnográfica, para além das preocupações decorrentes da partilha de universos e do familiar como objeto. Perpassando uma discussão cara ao antropólogo, baseada na possibilidade de conhecimento de mundos fisicamente próximos, mas sociologicamente distantes, a autora nos leva a refletir sobre relações de poder e o problema da autoridade etnográfica.

Ao disponibilizar esses escritos ao grande público, esperamos que aquele que foi ora consócio, ora contemporâneo, ora predecessor e muitas vezes fonte de inspiração para os autores, continue inspirando pesquisas e reflexões de muitas gerações. Continuemos conversando com a obra de Gilberto Velho!

REFERÊNCIAS

DIAS DUARTE, Luiz Fernando. Gilberto Velho (1945-2012) um virtuoso no burburinho das Cidades. *RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, p. 5-8, junho, 2012.

LARAIA, Roque. In memoriam, Gilberto Velho (1945-2012). *Anuário antropológico*, 2011/I, Brasília, p. 319-324, jul. 2012.

PEIRANO, Mariza. *Gilberto*: Academia Brasileira de Ciências, homenagem a Gilberto Velho, 28 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.marizapeirano.com.br/diversos/gilberto_velho.htm>. Consultado em: 01.05.2016.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Org.). *Gilberto Velho, um antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.